

"Reforma Agrária na Lei ou na Marra"

Quem quer que neste momento tenha ignorado ou pretendido ignorar o Primeiro Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, que se prolongou por três dias, de 15 a 17 de novembro, na capital de Minas, perdeu o contato com um dos momentos decisivos de nossa história contemporânea.

O Congresso camponês de Belo Horizonte foi ponto de encontro, pela primeira vez em escala nacional, e é ponto de partida de uma situação nova que se está criando no campo. Engana-se profundamente quem julgar que os 1.600 delegados de todos os Estados presentes ao Congresso representam uma única corrente ideológica e de opinião. A sua força reside precisamente nisso: e o ponto mais alto da unidade das mais diversas correntes ideológicas e políticas que não se conformam com a manutenção da atual estrutura agrária do Brasil. Correntes, algumas, talvez, mal-definidas, que não conheciam bem o caminho a trilhar neste problema universalmente de e b a i t d o hoje em nosso país, que é a reforma agrária, e que ficaram conhecendo-o agora.

O Congresso camponês de Belo Horizonte pode ser definido como uma poderosa demonstração de força, demonstração de unidade e despertar da consciência das massas rurais de nosso país.

Não foi a presença de prestigiosos líderes das massas camponesas como Francisco Julião, Nestor Vera, Lindolfo Silva, João Correia Neto, José Porfírio, que mobilizaram centenas de milhares de homens no Nordeste, no Sul, no Centro Oeste, que caracterizou o Congresso. A sua característica marcante foi a unidade de pontos de vista quanto à definição do que querem e de como conseguí-lo.

INAUGURAÇÃO DO CONGRESSO

Os habitantes de Belo Horizonte eram unânimes: nunca naquela cidade haviam assistido em recinto fechado a uma tão grandiosa assembleia como foram as de inauguração e encerramento do Primeiro Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas.

O governo de Minas havia cedido para a realização do Congresso - todo o edifício da Secretaria de Saúde, com seu enorme salão para 4 mil espectadores. Na noite de inauguração dos trabalhos do Congresso o salão estava repleto, a multidão transbordava pelas alas laterais, pelo saguão, desfilava nas escadarias, espalhava-se na rua, onde os alto-falantes trabalhavam os discursos dos oradores.

Estes se sucediam na tribuna, externavam suas opiniões, tratavam das linhas gerais da reforma agrária, historicavam o surgimento das ligas camponesas ou associações de lavradores, as lutas em que elas se têm envolvido, narravam os primeiros encontros com as forças do latifúndio, como na zona de Formoso, em Goiás, no norte do Paraná, no interior de São Paulo.

Os aplausos estouravam, vivas calorosos saudavam os nomes mais conhecidos dos dirigentes de camponeses e trabalhadores agrícolas. Gritavam: "Reforma Agrária já!" "Terra ou morte!"

Unanimidade? Não. Na ala direita do salão (e por causa...) um pequeno grupo dissidente, procurava interromper os oradores, promover vaivas e, a certa altura, repellido pela enorme assembleia, lançou algumas ampeças de sua suídiário.

Quem seriam os dissidentes, um grupelho tão insignificante, uma gota d'água naquele mar agitado do entusiasmo popular? Deram-lhe identificações diversas, depois: trotskistas, integralistas, policiais. Não sei. Uma coisa é certa: estavam contra a reforma agrária, defendiam os interesses do latifúndio semifeudal agnóstico.

Mas não resistiram ao embate que se ia travar. Já na sessão inaugural do Congresso firava decidida a sua sorte: ninguém acompanhou os inconformados - policiais, integralistas ou trotskistas. Foram eles localizados, isolados e repellidos. No dia do encerramento dos trabalhos, em carros alugados, desfilaram em frente à sede do Congresso com a sua ficha de identificação; distribuíam um antigo e enalçado suplemento de "O Globo", financiado pela embaixada americana, sobre o bolchevismo. Onde deixavam cair o papelucho, era ele abandonado ou rasgado com desprezo.

E foi este o canto do cisne dos pimpolhos do latifúndio.

ASSEMBLEIA PERMANENTE

Como nos dias de importantes lutas políticas reúnem-se os parlamentares, assim aconteceu com o Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Belo Horizonte: foi, durante três dias, a assembleia permanente da massa rural do Brasil.

Estes homens pareciam não dormir nem comer: com seus rostos esqueléticos, angustiosos, o passo lento, o sapato parecendo apertar no pé como um suplício terrível - mas ali firmes.

As nove horas, cada manhã, começavam as assembleias gerais e reuniam-se as numerosas Comissões em que estavam representadas as delegações, por Estado: Comissão de Reforma Agrária, Comissão de Arrendamento e Parcelaria, Comissão de Direito, Comissão de Assalariados e Semi-Assalariados Rurais, Comissão de Organização das Massas Trabalhadoras do Campo, Comissão de Reivindicações Democráticas e Sociais.

As Comissões se empenhavam no estudo e discussão de leis, moções, projetos, materiais que vão constituir contribuição valiosa ao debate do problema agrário e seu melhor conhecimento pelo próprio governo.

Mas o aspecto realmente importante do Congresso camponês era a sua assembleia geral. Com que desempenho aqueles homens de aparência rude subia à tribuna e na sua fala estroçada se revelava um grande orador! Não tinha papas na língua; ia direto ao assunto: a vida miserável da comunidade onde vive, herdeiro de uma única coisa: a miséria de seus antepassados. E com que desprezo sabe dizer, com beleza, o que sente, pela experiência que, mesmo jovem, já lhe ofereceu a vida.

Vejo subir à tribuna um moço, pouco mais de vinte anos, vindo do interior do Piauí. Chegou numa viagem penosa, de muitos dias, a pé, a cavalo, num camião. Os companheiros coletaram dinheiro para financiar a sua viagem. Alguns não podiam dar mais de

um cruzeiro - "um saquinho, um mil réis". Mas, valeu a pena. Ele está ali, e agora é que vê como a força dos homens do campo é grande. E é que não sabia! Val-se inflamando, diz estar lutando há algum tempo pela posse da terra, pela terra boa, esta nas mãos de meia dúzia, e muita terra inculta, sem nada produzir, enquanto os que têm terra vão para as cidades, à procura de trabalho que é difícil encontrar. Porque o trabalho escasseia e porque ele não sabe fazer mais nada do que pegar numa enxada - muitas vezes um simples caso de enxada. Os que ficam, passam fome, alimentam-se dos frutos do mato, têm uma farinhainha nas épocas da desmancha, mas dormem com o dono da terra. "Que me resta - diz - senão lutar de qualquer forma para ter um pedaço de terra? Sim, senhor, estou disposto a pegar em arma, como em outros lugares estão fazendo." Porque a escravidão foi abolida - acrescenta num arroubo - mas continua a escravidão de "nossa mãe - a terra."

As palmas estouram. Alguns se levantam e batem palmas de pé, como se quisessem marchar agora para a luta para libertar "nossa mãe - a terra."

Parece já haver passado a época em que deviam acostumar-se com a ideia, não muito agradável, de terem que lutar para melhorar suas condições de existência. Essa ideia foi lentamente se estratificando, até começar a fazer parte de sua consciência atual.

E esta a decisão também deste outro que vai à tribuna com seu chapéuinho e tem igualmente uma mensagem a transmitir. E o mesmo relato que poderia parecer monótono dos sofrimentos comuns ao camponês sem terra, sem instrumentos de trabalho, sem gado e que mora numa palhoça, este homem que nunca viu um rádio ou televisão, cuja mulher não conhece uma máquina de costura, e seus filhos não têm roupa ou sapato para frequentar uma escola. Também no lugar não há escola. Ele, como o que o antecedeu, com sua voz tranquila mas firme, está decidido a lutar, "de qualquer forma", pela terra. "Que ela nos seja dada, por bem ou por mal."

Na sessão de encerramento, os cartazes que se espalhavam pelo salão do Congresso traduziram este sentimento que se generaliza: "Reforma agrária: su lei ou na marra".

Um deputado federal pediria este cartaz para mostrar na Câmara. Será que a Câmara - pode desejar parâmetro que adotou até agora mais de 200 projetos de reforma agrária - tem olhos para ver e mente para compreender os ditos cartazes mais expressivos daquele cartaz?



Aspecto do plenário do Congresso, tendo-se parte da enorme assistência quase permanentemente reunida, dia e noite, discutindo os candentes problemas do campo.

Tratando o sentir e o pensar da massa camponesa representada no Congresso - massa radicalizada que já luta ou se dispõe a lutar por todos os meios para conquistar a terra - o Congresso aprovou uma Declaração sobre o caráter da reforma agrária em que diz, taxativamente, por a aprovação unânime:

FOR UMA REFORMA AGRÁRIA RADICAL

"A bandeira da reforma agrária radical é a única bandeira capaz de unir e organizar as forças nacionais que desejam o bem-estar e a felicidade das massas trabalhadoras rurais e o progresso do Brasil".

Como será feita a reforma agrária radical, que significa a destruição do latifúndio, do monopólio da terra; pacificamente, pelas armas?

A resposta a esta pergunta não depende só dos trabalhadores do campo, dos que querem terra, mas sobretudo das classes dominantes e, em particular, dos latifundiários.

A reforma agrária radical, naturalmente, não exclui as lutas pelas reformas parciais como as lutas pela reforma social do proletariado industrial não significam o abandono das lutas por aumento de salários pelo aperfeiçoamento da legislação trabalhista e outras medidas que visam o capitalismo, são meios positivos e não a solução final que interessa ao proletariado como classe. Foi através das lutas pelas reformas parciais, pelas reivindicações imediatas que se chegou à situação atual em que as massas camponesas marcham para fazer valer sua vontade.

PADRES NO CONGRESSO

E sintomático o fato de os sacerdotes estarem presentes, formando em dele-

gacões estaduais, vários representantes do clero. Desacertaram-se particularmente Frei Eugênio Giovenardi, capuchinho do Rio Grande do Sul, jovem e entusiasmado constantemente pela reforma agrária, e o padre católico do Ceará Argemedes Bruno, além do padre Laje que na sessão de encerramento pronunciou um dos melhores discursos do Congresso - um discurso de conteúdo revolucionário.

A presença destes sacerdotes, destaca ainda mais a ausência da Igreja Católica na luta pela autêntica reforma agrária, pela reforma agrária como a definiu o Congresso, isto é, que represente o fim do regime latifundiário.

Aquiescentes, e vários outros em todo o país, concorrem de perto os problemas das massas camponesas dos trabalhadores explorados e oprimidos por latifúndio, e reconhecem como obrigação humana lutar ao lado deles pela felicidade na terra.

E aliás este fato mais um sintoma de como o ordenamento de coisas dominante abre fendas por todos os lados, desmoronando-se irremediavelmente.

O padre Laje, por exemplo, expôs o conteúdo e o sentido da nova época que se inicia para o nosso país nesta escumação que o Congresso aplaudiu de pé. "Esta não é mais a hora dos exploradores e sim dos explorados".

A SESSÃO DE ENCERRAMENTO

A sessão de encerramento dos trabalhos do Congresso foi também o seu ponto culminante. Veio então o grande momento, como no primeiro dia, transbordou o salão das assembleias gerais e foi necessário que o presidente, deputado Ernani Maia

cujo dinamismo foi objeto de reconhecimento geral, mandasse suspender o acesso à sala de sessões. Faltavam ainda umas duas horas para a chegada das autoridades governamentais. As 22 horas e 40 davam entrada no salão o presidente da República, sr. João Goulart, o primeiro ministro Tancredino Neves, o ministro das Relações Exteriores São Thiago Dantas, o ministro de Minas e Energia, Gabriel Passos, vários deputados, entre os quais os sr. Rui Ramos, Bento Gonçalves, Almino Afonso, Ivo de Vargas, Fenório Cavalcanti, o governador Magalhães Pinto, e todo o seu secretariado, o vice-governador Clóvis Salgado.

O discurso pronunciado na sessão final do Congresso pelo presidente Goulart causou boa impressão, sobretudo na parte referente à necessidade imperiosa da reforma da Constituição para alcançar-se a reforma agrária. O comentário mais comum que se ouvia entre os congressistas era este: "Que não seja mais uma das inúmeras promessas do governo para enganar os camponeses".

O grande discurso da noite foi proferido pelo deputado Julião. Discursou no sentido unitário e de afirmação da importância decisiva da luta pela reforma agrária, da qual o Congresso foi o estágio mais alto até agora - "tabes a última advertência", acrescentou Julião sob os aplausos entusiastas da assembleia.

Foi aplaudida de pé a Declaração do I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas sobre o Caráter da Reforma Agrária, a cuja leitura procedeu o presidente da U.T.A.B., Lindolfo Silva. Este documento foi publicado à parte. Não foram contidas as linhas mestras da luta pela reforma agrária radical reclamada pelas massas camponesas.

...

Eram 2 horas da madrugada quando terminou a sessão final do Congresso. Grupos espalhavam-se pelos corredores, pelo salão de conferências, pelo saguão, fisionomias cansadas. Algumas representações camponesas já se apressavam a partir aquela hora mesmo. Num dos grupos um camponês não sei de onde, talvez de Minas, pronto para partir ao ombro colocara displicentemente o par de botinas que calçara até então. Não podia mais obrigá-lo a suportar o incômodo suplício: talvez pela primeira vez usasse sapatos de volta, reintegrar-se com a terra, juntar-se a seus vizinhos e companheiros, contar-lhes o espetáculo que fora o Congresso. A levanteira a atmosfera do Congresso - sua atmosfera revolucionária. Vai semear ideias da reforma agrária como a compreenderem os explorados e oprimidos do campo.

Ainda que nada existisse, no campo, de consciência dos direitos de classe os camponeses, estes homens seriam o fermento da revolução camponesa que começa a atear-se no Brasil - para a liquidação completa do latifúndio semifeudal, do monopólio da terra. Porque o Congresso foi também um forte golpe nas chantagens de "reforma agrária" como a concebiu Carvalho Pinto ou Cid Sampaio.

...

Ja no fim dos trabalhos do Congresso, quando a mesa da presidência estava literalmente cheia de personalidades goveianas, mestras, representantes dos círculos dirigentes, homens de batina, ouvimos de um congressista, com ar de intelectual, talvez algum filósofo da História em disposição interessante:

- E a convocação dos Estados Gerais. Nobreza e clero vieram ao terceiro estado, vieram ao encontro do povo.

Observação que corresponde à realidade, desde que se acrescente: crônica, social e ideologicamente - apesar de o Brasil ser ainda um país semicolonial e semifeudal - os camponeses deste terceiro estado se encontram mais perto de 1917 do que de 1789.

MENSAGEM DE PRESTES AO CONGRESSO
No Congresso dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Belo Horizonte foi lida pelo nosso companheiro Rui Facó a seguinte mensagem enviada por Luiz Carlos Prestes e recebida sob calorosos aplausos da assembleia, na sessão de encerramento:
"Em meu nome e em nome dos comunistas brasileiros saúdo o memorável I Congresso de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil. Faço votos pelo completo êxito de vossos trabalhos. Apoiamos e participamos ativamente, junto com as massas camponesas, da luta pela reforma agrária e por condições de vida e trabalho dignas e humanas para os camponeses e para todos os trabalhadores do Brasil.
17-XI-1964
LUIZ CARLOS PRESTES"



Frei Eugênio, da delegação do Rio Grande do Sul ao I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, teve atuação destacada no certame. Vêmo-lo aqui numa das Comissões do Congresso, presidindo-a.

NOVOS RUMOS

